

## Arthur Feitosa de Bulhões

### Temas brasileiros e descrições do Brasil nos Países Baixos no século XVI.<sup>1</sup>

#### Resumo

Graduando em História  
pela UFPE  
arthurdebulhoes@terra.com.br

O presente artigo tem por objetivo analisar as referências a temas brasileiros e às descrições do Brasil presentes na editoria e na iconografia produzida nos Países Baixos durante o século XVI e início do século XVII. Pretende-se demonstrar como, a partir dos movimentos de pessoas, da formação de colônias comerciais, do aumento das viagens à América e do interesse colonial holandês, permitiu-se a circulação e a difusão de informações a respeito do Brasil. A pesquisa procura debater como os deslocamentos supracitados foram responsáveis por um intercâmbio de conteúdos os quais possibilitaram o surgimento de referências ao Brasil no movimento editorial e nas artes visuais e cartografia dos Países Baixos.

**Palavras-chave:** Brasil holandês; descrições do Brasil; viajantes.

#### Abstract

This article aims to analyze the references to brazilian themes and the descriptions of Brazil in the editorial movement and in cartography produced in Netherlands, during the sixteenth century and the beginning of the seventeenth. Its goal is to demonstrate how people's displacements, the appearance of commercial settlements, the increasement of travels to America and the dutch colonial interests allowed the exchange and difusion of information about Brazil. The research intends to debate how the mentioned displacements stimulated an exchange of information which brought the appearance of references to Brazil in the editorial movement, in visual arts and in the cartography from the Netherlands.

Enviado em 07 de  
janeiro de 2008 e  
aprovado em 17 de  
março de 2008.

**Key-words:** Dutch Brazil; descriptions of Brazil; travelers.

---

1. Os temas brasileiros mencionados no título são os tipos figurativos recorrentes nas artes visuais ou temas abordados na literatura dos Países Baixos inspirados no contato dos holandeses com a América Portuguesa, seja pela vivência, seja através das informações circulantes na Europa. Consideram-se aqui as formas que representam intencionalmente o Brasil e as escolhas de elementos associáveis ao Brasil, como o índio ou componentes da fauna, para compor representações do Novo Mundo. O Brasil descrito é a colônia portuguesa na América, sendo brasileiro tudo que a ela é associado, direta ou indiretamente. O que interessa aqui é como esse Brasil aparece na arte e nas publicações circulantes nos Países Baixos à época.

As relações entre o Brasil e os Países Baixos principiaram muito antes da invasão holandesa<sup>2</sup> à colônia de Portugal, na primeira metade do século XVII. Os Países Baixos, precocemente, estabeleceram-se entre os principais mercados para os produtos brasileiros: inicialmente no comércio do pau-brasil e em seguida no do açúcar, que servia ao consumo local, sendo também reexportado para os países vizinhos. As relações comerciais com os portugueses foram de suma importância para a circulação de informações sobre as terras de ultramar e para o florescimento de um hábito à fruição de textos, imagens e relatos sobre as experiências na América.

Desde o fim do século XV, estava concentrada em Lisboa uma numerosa colônia de comerciantes flamengos, que crescerá ainda mais durante o século XVI, mantendo o aumento de seus efetivos (mesmo após a junção das duas coroas ibéricas) até o período das invasões holandesas, por volta de 1630. Da colônia flamenga de Lisboa partiram aventureiros para construir engenhos em terras brasileiras. O Brasil tornava-se cada vez mais importante em seu cotidiano, “seja em virtude dos negócios, seja até mesmo pelo contato com índios trazidos do Brasil ou raridades de origem brasileira” (STOLS, 1996: 22). Nesse momento, aumentava também o número de neerlandeses presentes no Brasil, que deve ter ultrapassado uma centena por volta de 1600. Devem ser lembrados também os tripulantes flamengos de navios portugueses e, a partir de 1580, uma quantidade crescente de embarcações holandesas que ligavam o Brasil ao Mar do Norte, ou aos portos italianos de Veneza e Livorno.

Tais viagens propiciavam a difusão de informações, relatos e o aumento do número de marinheiros com experiência dos portos brasileiros. As viagens tornavam-se fonte para novos textos e tema penetrante mesmo no teatro dos Países Baixos, caso da peça *Loterijspel* (Jogo de Loteria), de Jan Van Hout<sup>3</sup> (1542-1609). A peça descreve a miséria da população em meio à enchente e à fome e trata da viagem marítima como forma de fuga da pobreza, mesmo contra diversos temores. O protagonista (Steven) que, enquanto navegava escapou à penúria e às intempéries, relata suas experiências ao amigo Bouwen, o qual escuta, ao mesmo tempo maravilhado e horrorizado, sobre a vida nos mares. A história é contada em cinco cenas e possui sete personagens, sendo o tema da viagem marítima, central no enredo. A alusão às aventuras nos mares e à crença na viagem como possibilidade, ainda que arriscada, de obtenção de melhor sorte, tornava-se freqüente nas manifestações literárias do período.

A relevância das colônias flamengas em Portugal juntamente com as viagens de neerlandeses à América para o trânsito de informações e o aumento da presença de referências ao Brasil é complementada pelo papel desempenhado por comerciantes portugueses transeuntes nos Países Baixos. Havia uma colônia lusitana em Bruges, transferida, à época do descobrimento do Brasil, para a Antuérpia e composta por elevado contingente de cristãos-novos. José Antônio Gonsalves de Mello chama a atenção para a “importância dos judeus na remessa de informações para a Holanda” (MELLO, 1987: 38), apontando o exemplo de Ambrósio Fernandes Brandão<sup>4</sup>,

---

2. Empregarei aqui o termo “holandês” livremente, como sinônimo de “neerlandês” e “flamengo”, embora não esteja me referindo exatamente ao território ao qual, hoje, conhecemos como Holanda, e sim a uma região que também compreende a atual Bélgica, sendo essa porção de terra chamada de Países Baixos, o que faz com o que o vocábulo seja anacrônico. Já “flamengo” será empregado aqui, ora como sinônimo de “neerlandês”, adjetivo pátrio mais correto para os Países Baixos, ora como sinônimo de “holandês”, embora para este último emprego persista um equívoco geográfico. Entretanto, seguirei aqui a mesma justificativa tomada por José Antônio Gonsalves de Mello para o uso do termo em *Tempo dos Flamengos*: “Os documentos portugueses relativos ao Brasil nos séculos XVI e XVII, mencionam freqüentemente ‘flamengos’ para designar os naturais das Províncias Unidas”; cf. MELLO, *Tempo dos Flamengos*: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil, Recife: Massangana, 1987, p.12.

3. Poeta holandês do século XVI. Foi escrivão da secretaria de estado de Leiden de 1562-1569 e, depois, secretário de estado de 1573, até sua morte em 1609. Defendeu o uso do idioma holandês na universidade e utilizou sua poesia nesse sentido. A maior parte de seu trabalho foi perdida, ficando alguns manuscritos sobre as atividades desempenhadas na administração da cidade de Leiden. De sua produção literária, conhecemos a peça *Loterijspel*, escrita entre 1596 e 1600.

4. Segundo Frei Vicente do Salvador, Brandão integrou a expedição chefiada por Martim Leitão e João Tavares, que resultou na conquista da Paraíba, em 1585. Foi senhor de três engenhos na várzea do Rio Paraíba. Médico, tornou-se um dos precursores da medicina tropical, amplamente desenvolvida por Guilherme Piso.

cristão-novo, autor dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* (1618), cuja cópia fora encontrada na Biblioteca da Universidade de Leiden. Ainda sobre a importância dos conteúdos veiculados por cristãos-novos, Stols destaca as fugas para cidades mais tolerantes como Amsterdã e Roterdã, provocadas pelas perseguições religiosas em Portugal e aponta para o fato de que muitos desses portugueses fugitivos possuíam “conhecimento do Brasil, seja através de experiência pessoal, seja através de relações de família, de correspondência ou de leituras” (STOLS, 1996: 24).

A universidade de Louvain recebia estudantes portugueses à essa época. Importantes humanistas lusitanos ali estudaram a exemplo de Aquiles Estaço<sup>6</sup> (1524-1581), que teria vivido em Pernambuco na infância. Humanistas e médicos não faltavam ao lado dos comerciantes na colônia portuguesa da Antuérpia. Era o caso de Damião de Góes<sup>7</sup> (1502-1574) e André de Rezende<sup>8</sup> (1500-1573), igualmente estudantes em Louvain. Jesuítas como Fernão Cardim<sup>9</sup> (1540-1625) também transitavam pela região. Várias dessas pessoas possuíam conhecimentos ou vivência do Brasil.

Não eram apenas comerciantes, viajantes e humanistas de origem portuguesa ou flamenga os responsáveis pelo fluxo de informações e introdução de temas brasileiros nos Países Baixos. Durante o século XVI, a Antuérpia foi um grande centro econômico e, juntamente com Bruxelas – cidade de grande importância política –, era lugar de trânsito de italianos, ingleses, franceses e alemães, não raro com experiências e conhecimento do Brasil. Podemos citar os exemplos dos soldados alemães Hans Staden<sup>10</sup> (1525-1579) e Ulrich Schmidl (1510-1579), os quais inclusive escreveram relatos sobre suas experiências no Ultramar.

A edição de *Mundus Novus* de Américo Vespúcio (1454-1512), por Vosterman, em 1505, inaugura a presença do Brasil nas edições flamengas. Houve ainda reedições entre 1508 e 1520 por Jan Van Doesborch, na Antuérpia. “Publicou-se na Antuérpia em 1516 a *Utopia*, de Thomas Morus (1478-1535), que, de maneira explícita, pelo testemunho de um narrador português revela

5. Escritos em número de seis diálogos, muito provavelmente compostos na Paraíba, onde Ambrósio Fernandes Brandão foi senhor de engenhos. A maior frequência de referências à Paraíba em relação às outras capitanias, permite acreditar em tal hipótese. O autor deve ter conhecido diretamente as capitanias de Pernambuco, Paraíba e Itamaracá.

6. Foi levado aos oito anos de idade para a África e para o Brasil. Dedicou-se à vida intelectual porque suas limitações físicas o impediam de exercer a carreira militar. Matriculou-se na Universidade de Louvain em 1545

7. Foi secretário da feitoria portuguesa da Antuérpia. Efetuou várias missões diplomáticas e comerciais na Europa entre 1528 e 1531. Em 1533, passou a dedicar-se aos estudos. Transitou pela Basileia e pela Itália, estudando em Pádua. Passou seis anos em Louvain.

8. Humanista português, nascido em Évora. Entrou aos 10 anos para um convento dominicano. Estudou em universidades espanholas, até retornar a Portugal em 1533. Entrou para o clero secular e passou a reger a cadeira de humanidades na Universidade de Lisboa. Antes, estudara na Universidade de Louvain, onde se matriculou em 1529.

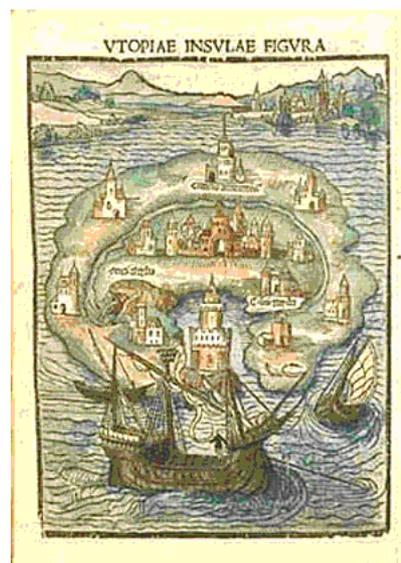
9. Missionário e escritor português, nascido em Viana do Alentejo, um dos primeiros a descrever os habitantes e os costumes do Brasil. Como jesuíta viajou para o Brasil em 1583 com o visitador Cristóvão de Gouveia e o governador Manuel Teles Barreto. Com a missão de padre visitador, viajou desde Pernambuco até o Rio de Janeiro, tomando contato com as terras brasileiras, cujas observações resultaram em dois tratados e duas cartas. O primeiro dos tratados ocupava-se do clima e da terra do Brasil e o segundo tratava das origens e dos costumes dos índios brasileiros, e foram publicados, juntamente com suas narrativas epistolares, na Inglaterra, como *Tratados da terra e da gente do Brasil* (1925), compilados com anotações de Capistrano de Abreu. Após o retorno de Cristóvão Gouveia para Portugal em 1589, assumiu a reitoria do Colégio do Rio de Janeiro. Tornou-se procurador da província do Brasil em 1598 e voltou à Europa no ano seguinte. Ao retornar ao Brasil em 1600, foi aprisionado pelo corsário inglês de Francis Cook, tendo confiscados os manuscritos da obra *Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias*, publicada na Inglaterra muitos anos depois (1881). Libertado, voltou ao Brasil em 1604 e foi reitor do Colégio da Bahia, onde teve como discípulo o padre Antônio Vieira..

10. Hans Staden esteve duas vezes no Brasil durante o século XVI, participando de combates na Capitania de Pernambuco contra corsários franceses. Foi também aprisionado pelos Tupinambás, quando passava por São Vicente e mantido em cativeiro por seis meses. Suas aventuras estão narradas no livro *Warhaftige Historia und Beschreibung eyner Landtschafft der wilden, nacketen, grimmigen Menschfresser Leuthen in der Newenwelt America gelegen*, publicado pela primeira vez na Alemanha, por Andres Colben, em 1557 em edição ilustrada. O livro fez sucesso na Europa. Só foi publicado no Brasil, pela primeira vez em 1892, por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. É editado comumente com o título de *Duas Viagens ao Brasil*.

alguns aspectos gerais do Brasil<sup>11</sup>” (STOLS 1996:24). Rafael Hitlodeu estivera com Américo Vespúcio e conhecera o Novo Mundo. A célebre obra de Thomas Morus foi escrita em latim, provavelmente no fim de 1515, sendo impressa em Louvain em 1516, editada por Erasmo e Peter Giles, entre outros amigos de Morus.

A edição flamenga de 1516 era ilustrada pela gravura à esquerda, a qual deve ter servido de inspiração para o mapa da Utopia (à direita), desenhado por Ambrosius Holbein que ilustrava a edição de 1518, impressa na Basileia por Frobenius.<sup>12</sup>

Descrições mais detalhadas das terras brasileiras viriam nas edições em holandês das *Duas Viagens* de Hans Staden (tradução flamenga de 1558) e das *Singularidades da França Antártica*, de André Thevet<sup>13</sup> (1502-1590). Houve ainda uma tradução parcial de *Viagem à Terra do Brasil* do huguenote Jean de Lery<sup>14</sup> (1534-1611). Podemos ressaltar alguns capítulos alusivos ao Brasil em edições da *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos portugueses*, de Lopes de Castanheda<sup>15</sup> (1500-1559), dos escritos de Symon Grynaeus<sup>16</sup> (1493-1541) ou das cartas jesuíticas. A literatura circulante era bastante variada, abrangendo livros de navegação, costumes, tratados de direito, dicionários ou colóquios multilíngües, livros de medicina e vários outros escritos humanísticos. Referências à fauna e à flora brasileiras aparecem nos livros de Carolus Clusius<sup>17</sup> (1525-1609), que editou em latim o *Colóquio dos Simples*, de García de Orta; e no *Theatrum Orbis Terrarum*, de Abraham Ortelius (1527-1598).



Gravura da ilha da Utopia presente na edição flamenga de 1516. na outra página Mapa da utopia.

11. Thomas Morus, ao escrever seu livro, acabava de ler uma carta de Américo Vespúcio, que descreveu sua viagem ao Brasil. O texto acompanha geograficamente a viagem de Vespúcio até que, antes de chegar na linha do Equador, encontra uma bela ilha, coberta de palmas, cercada de mares, cheia de árvores, perdida no mar. Alguns autores acreditam que essa ilha corresponde à de Fernando de Noronha.

12. Além das duas edições mencionadas, houve reimpressões em Paris e Viena. No entanto, não houve uma edição na Inglaterra antes da morte de Thomas Morus. A primeira publicação inglesa da Utopia é de 1551, realizada durante o reinado de Eduardo VI, por Ralph Robinson.

13. Foi impresso na Holanda no mesmo ano da publicação do original Les singularitez de la France Antartique autrement nommee Amerique, & de plusieurs terres et isles decouvertes de notre temps em Paris (1558). O frade franciscano André Thevet esteve no Brasil entre novembro de 1555 e janeiro de 1556 e descreveu suas impressões acerca da tentativa francesa de colonização do Brasil na Baía de Guanabara.

14. Jean de Lery embarcou para o Brasil em 1556 e relatou suas observações em Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, publicada pela primeira vez em La Rochelle, em 1578. Houve seis edições em Genebra nos anos de 1580, 1585, 1594, 1599, 1600 e 1677. A edição de 1600, impressa pela família de Eustáquio Vignon, foi dedicada à princesa de Orange. Foi um sucesso da literatura de viagens, sendo bastante lido na Europa até o século XVIII.

15. Castanheda estudou no Convento de São Domingos e, em 1528, partiu para a Índia com seu pai, que tinha sido nomeado ouvidor de Goa. Regressou a Portugal em 1538 e, em 1545, foi nomeado bedel do Colégio das Artes, assim como guarda do cartório e da livraria da Universidade de Coimbra. É nessa altura que termina a História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses, que teve sua publicação iniciada em 1551 e foi traduzida para o francês por Nicolau de Grouchy, professor da Universidade. A História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses foi publicada em oito volumes, saídos entre 1551 e 1561, sendo traduzida, além do francês, para castelhano (1554), italiano (1578) e inglês (1582).

16. Trato aqui da obra Novus Orbis Regionum, considerada por alguns a primeira história geral das viagens. Sua primeira edição foi publicada em 1532. É do mesmo ano outra edição, de Paris, porém o mapa é da autoria de Oroncius Fineus. Em 1537 é editada na Basileia. Foi também traduzida para o alemão em 1534, porém sem o mapa mundi. Para o holandês, saiu em 1563, em tradução de Cornelius Albin, também sem o mapa mundi.

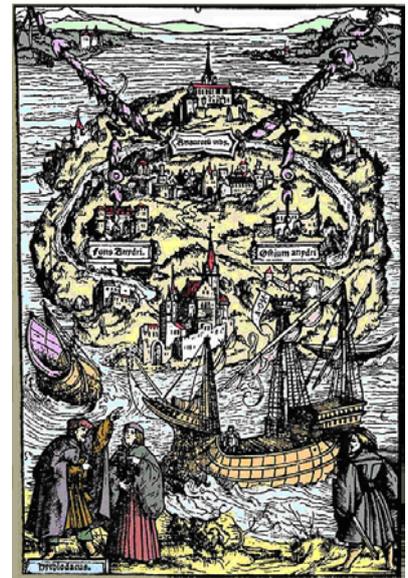
17. Médico e botânico flamengo. Criador de um dos primeiros jardins botânicos da Europa, na Universidade de Leiden. Um dos primeiros a realizar descrições científicas de plantas. Esteve em Espanha e Portugal entre 1564 e 1565, acompanhando o jovem Jacob Függer, de quem era preceptor. Nessa viagem, deve ter entrado em contato com o Colóquio dos Simples e Drogas da Índia de Garcia de Orta o qual editou em latim no livro Aromatum et Simplicium aliquot medicamentorum apud Indios nascentium historia, em 1556.

Era também importante a circulação de panfletos e notícias curtas como a carta sobre a conquista de Olinda e Recife em 1630, editada por Claes Jansz Visscher (1587-1652). Ernst van den Boogaart afirma que, muitas vezes, a função dessas cartas de notícias à época da expansão holandesa pelo Atlântico, era a propaganda e a ostentação do poder (BOOGAART, 1992: 317)<sup>18</sup>. As cartas de notícias narravam os triunfos neerlandeses no além-mar e eram ilustrados, na maioria das vezes com cenas de batalhas e os contextos topográficos que serviam de cenário aos embates. Possuíam uma narratividade de crônica, ressaltando a coragem e o brilhantismo dos flamengos.

Embora as edições de textos relativos ao Brasil tenham sido muito menos numerosas em relação àquelas direcionadas à América espanhola, textos como os de Hans Staden e André Thevet foram mais impactantes nos Países Baixos. Eddy Stols (STOLS, 1996: 25) fala da referência a fatos abordados nos livros desses dois autores, citando o exemplo da crônica de Mareus van Vaernewyck na qual o conflito entre católicos e protestantes é comparado às guerras entre tribos brasileiras. Conflitos estes, sem dúvida, conhecidos a partir dos relatos dos viajantes.

A partir de 1594, com as expedições holandesas pelo mundo na aventura colonial, há um aumento do interesse pelo Brasil e a explosão de uma série de publicações. Desenvolve-se uma literatura geográfica, juntamente com o aumento da vontade de expansão colonialista, e o Brasil começa a ser descrito de maneira mais objetiva, preocupada com as riquezas da terra e formas de conquistá-la. Essa literatura é representada por relatórios, instruções de navegação, descrições da costa e das grandezas locais redigidos às vésperas da invasão flamenga na América portuguesa. A curiosidade e a familiaridade com o Brasil já existentes nos Países Baixos se intensificam e ganham cunho estratégico relacionado ao interesse mercantil das Províncias Unidas, alijadas de sua participação no comércio de produtos brasileiros pelo acirramento de suas rivalidades com a coroa espanhola, à essa altura também soberana em Portugal.

Gonsalves de Mello destaca que “há anos vinham sendo reunidos na Holanda dados e informações sobre a capitania de Pernambuco, a configuração de sua costa, os portos, desembarcadouros, regime dos ventos, sua riqueza, sua agricultura” (MELLO, 1987: 36). Nesse momento, navios holandeses habituavam-se a visitar os portos pernambucanos, prontos para atuarem como piratas. Exemplo de relato detalhado sobre a costa de Pernambuco é a relação escrita por Hessel Geritsz descrevendo o desembarcadouro de Pau Amarelo. Estudos como o do mercador e diplomata da Companhia das Índias Ocidentais Willem Usselinx (1567-1647) sobre a produção açucareira da colônia portuguesa e o trabalho *Motivos por que a Companhia das Índias Ocidentais deve tentar tirar ao Rei da Espanha a terra do Brasil e isto o quanto antes* (Amsterdã, 1624) de Van Vaernewyck, ou a *Lista do que o Brasil pode produzir anualmente*, aparecem como reflexo da nova fase da jornada colonial neerlandesa. Entretanto, essa literatura geográfica não será desenvolvida na zona meridional dos Países Baixos, reconquistada pelas tropas espanholas.<sup>19</sup> O Brasil também será objeto de referências nos textos literários da época, como na já aqui mencionada peça de Jan Van Hout, e também aparecerá nas correspondências de Hugo Grotius (1583-1645) ou do poeta Dirk Coornhert<sup>20</sup> (1522-1590).



Mapa da Utopia, desenhado por Ambrosius Holbein para a edição de Utopia impressa na Basileia, em 1518. Atualmente, existem oito exemplares da primeira edição, um deles abrigado na Lauingers Library, em cujo site foi visualizada a gravura utilizada neste artigo.

18. Boogaart fala de “láminas de notícias y tarjetas cuyas funciones coinciden: la propaganda y la ostentación del poder, aunque su enfoque podría diferir considerablemente”.

19. Terá lugar nessa região uma literatura de caráter moral e religioso, inspirada pela Contra Reforma católica. O Brasil aparece aí nas cartas jesuíticas.

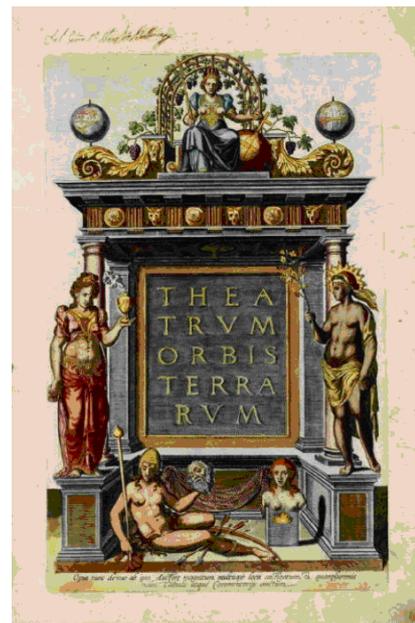
20. O poeta neerlandês teria visto índios brasileiros em Lisboa “nus como recém-nascidos”; cf. STOLS, “Iconografia do

As invasões holandesas no Brasil multiplicariam as oportunidades dos flamengos de conhecerem a América Portuguesa e, inversamente, as chances de residentes no Brasil irem à Holanda. Vários cristãos-novos radicados no Brasil lá voltavam para visitar parentes ou fazer negócios e índios eram levados para serem treinados como intérpretes. “Holandeses surgem nas denúncias do Santo Ofício em Pernambuco, alguns com profissões comerciais, mantendo relações talvez com patrícios da Europa” (MELLO, 1987: 37).

As *Denúncias de Pernambuco* mencionam os exemplos de André Pedro e Antonio Vilhete. O primeiro é descrito como “flamengo de nação, solteiro mercador, respondente a mercadores moradores na Alemanha” (DENÚNCIAÇÕES DE PERNAMBUCO, 1929: 253) enquanto que o segundo é “flamengo de nação, mancebo sem barba que parece ser de alguns vinte anos, caixeiro, já ladino no português” (DENÚNCIAÇÕES DE PERNAMBUCO, 1929: 167). Gonsalves de Mello lembra os exemplos de Maria d’Almeida, “mulher do mundo” e de Adriano Verdonck, “autor de uma *Memória Dirigida ao Sr. Presidente e Demais Srs. Do Conselho desta Cidade de Pernambuco*, entregue ao Conselho Político em 20 de maio de 1630” (MELLO, 1987: 37).

Toda a circulação de pessoas contribuía para a troca de informações e para que um imaginário sobre o Brasil se firmasse nos Países Baixos mais do que o de qualquer outra localidade da América nos séculos XVI e XVII.

Juntamente com o aparecimento de referências ao Brasil na cultura escrita circulante, é possível acompanhar o mesmo movimento no que compete à cultura visual da época. Entretanto, no século XVI, comparado ao número de registros escritos, a frequência de temas brasileiros nas expressões visuais é muito menos empolgante. Nesse período, pouca coisa se conhecia além dos desenhos presentes nos livros de Léry, Thevet e Staden, reproduzidos na obra *América tertia pars memorabile provinciae Brasilianae historiam continens*<sup>21</sup> (1592) de Theodor de Bry (1528-1598), que era natural de Liège. Pode-se ainda destacar a produção de estampas alegóricas onde são retratados elementos tipicamente brasileiros (mas não exclusivos) como o tatu, o penacho e as flechas em representações do continente americano. Torna-se muito comum o uso de motivos brasileiros para a composição das representações da América presentes nas alegorias dos quatro continentes<sup>22</sup> que surgem na Europa a partir do



Americque. América da série Os quatro continentes, pintada em 1691. Óleo sobre cobre; 48,5 x 67,5cm. Pertencente à coleção da Alte Pinakothek Muchen, Munique.

Brasil nos Países Baixos do século XVI ao XX: uma tentativa de avaliação global”. In: Revista da USP, São Paulo, n.30, junho/ agosto, 1996, p. 20-31.

21. Obra baseada nos escritos de Hans Staden e Jean de Lery tratando do contato entre os conquistadores e os nativos.  
22. Zinka Ziebell aponta para a tradição européia de alegorias das quatro estações e afirma que “a descoberta de um quarto continente serve de pretexto para sua incorporação temática no terreno artístico das alegorias”; cf. ZIEBELL, Terra de Canibais, Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 52). Essa tese baseia-se no uso das figuras femininas enquanto esquema representacional para as quatro estações, que poderia ter sido reaproveitado para a representação alegórica dos continentes a partir do surgimento desse novo tema, provocado pela descoberta do “Novo Mundo”. Algumas dúvidas podem ser lançadas sobre esse ponto de vista: o primeiro questionamento é se as figuras femininas teriam sido utilizadas como esquemas para representar os continentes a partir da descoberta da quarta parte do mundo, ou se é um recurso anterior a isso, mesmo quando os continentes conhecidos eram três. Entretanto, considerando a célebre alegoria pintada por Peter Paul Rubens (1577-1640) lança-se um novo elemento no debate: Rubens funde o esquema das figuras femininas com o tema dos quatro rios do paraíso, representados pelas figuras masculinas segurando vasos que derramam água e seres típicos da flora de cada continente. Aqui, formula-se o questionamento sobre quão antigo seria o recurso ao motivo dos quatro rios para representar as quatro porções do mundo. Seria interessante um levantamento dessas representações dos quatro continentes para que se pudesse responder a tais dúvidas.

início do século XVI. Tomemos como exemplo a capa do *Theatrum Orbis Terrarum*<sup>23</sup> (1570) de Abraham Ortelius (1527-1598) (abaixo).



*Americque*. América da série *Os quatro continentes*, pintada em 1691. Óleo sobre cobre; 48,5 x 67,5cm.

Na gravura, a América é retratada em posição inferior, como uma índia deitada no chão, segurando uma cabeça humana em referência ao canibalismo, indolente em virtude do clima tropical, e nua fazendo alusão ao caráter não-civilizado. Era traçada aí uma clara oposição em relação à Europa, sentada em trono triunfante e ostentando pujante vestimenta. Construía-se aí uma representação hierárquica dos continentes do mundo, na qual a América ocupa o lugar mais abaixo e a Europa desfila seu triunfo. Sobre tal hierarquia nas representações dos continentes, Anthony Pagden nos conta que:

Entre o início do século XVII e fim do século XVIII, imagens dos quatro continentes apareceram nos lugares mais improváveis. Havia referências tanto à recente adquirida visão de um mundo vastamente ampliado quanto ao triunfo da Europa sobre o mesmo, um triunfo o qual apenas as ciências e as artes haviam tornado possível<sup>24</sup>. (PAGDEN, 2002: 51)

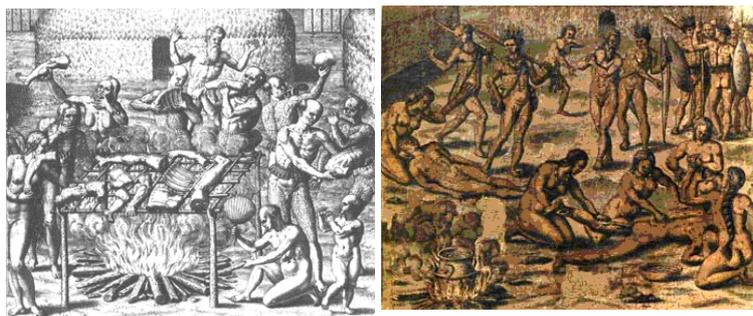
As referências ao canibalismo, à nudez ou à indolência, além dos artefatos indígenas nas imagens da América enquanto qualificativos de seus nativos têm como importante fonte os relatos de viagens ao Brasil. Assim, diversos elementos associáveis ao Brasil foram empregados para representar a América entre os continentes. Outro exemplo é a alegoria dos quatro continentes pintada por Jan van Kessel<sup>25</sup> (1612-1679) (figura abaixo), já datada do século XVII.

23. A primeira edição do *Theatrum Orbis Terrarum* foi realizada, na Antuérpia, por Gilles Coopens, com 53 mapas. Até 1572, foram publicadas mais três edições em latim, na Alemanha, na França e na Holanda. Até a morte de Ortelius, em 1598, foram feitas cerca de 25 edições.

24. “From the early sixteenth to the late eighteenth century images of the four continents appeared in the most unlikely places. They were reminders both of the newly acquired vision of a vastly enlarged world and of Europe’s triumph over so much of it, a triumph that only the sciences and the arts had made possible”; cf. PAGDEN, *The Idea of Europe: from Antiquity to European Union*. Cambridge: University Press, 2002, p. 51.

25. A alegoria de Van Kessel não recorre, como acontece na capa do livro de Ortelius, às figuras femininas ou aos quatro rios como na pintura de Rubens (ver nota 22). Escolhe paisagens, elementos da fauna e da flora e tipos humanos que sejam característicos de cada localidade. Jan Van Kessel organiza as pinturas em quatro painéis. Cada um deles possui uma grande pintura no centro, representando uma região capaz de representar o continente como um todo, e, ao redor, dela pinturas menores com figuras representando locais importantes de cada continente. O painel da América tem como

Essas representações imagéticas eram costumeiramente baseadas nos relatos como os de Hans Staden, André Thevet e Jean de Léry. Daí a recorrência de temas como a nudez<sup>26</sup>, o canibalismo<sup>27</sup> e a indolência<sup>28</sup> provocada pelo clima tropical muito freqüente nesses escritos. Muitos dos pintores das alegorias não possuíam experiência do Brasil que não fosse por intermédio dos relatos escritos. Os relatos de viagem e especialmente os três supracitados constituíram as principais fontes para os pintores das alegorias, influenciando-os tanto nos temas, quanto nos motivos<sup>29</sup> escolhidos para representá-los. As representações pictóricas acabavam sendo tentativas de transposição do texto em imagem. Podem-se tomar como exemplo dessa transposição as ilustrações das edições dos relatos de viagem. Abaixo, temos as gravuras sobre a antropofagia dos textos de Hans Staden (à esquerda) e de Jean de Léry (à direita).



Gravuras representando a antropofagia nas obras Viagem à Terra do Brasil (a direita), de Jean de Léry, e Duas viagens ao Brasil (à esquerda), de Hans Staden, reproduzidas na edição de 1592 da *América tertia pars memorabilis provinciae historiae continens*, de Theodor De Bry.

imagem principal, uma pintura cujo título é Paraíba no Brasil, que exhibe o indígena e elementos da fauna e da flora brasileiras. Compondo o painel sobre a América, entre as pinturas menores, em torno da imagem central, estão representações de localidades do Brasil como Olinda, Itamaracá e a Bahia. 26. O tema da nudez aparece em Léry na seguinte passagem: “Antes, porém, de encerrar este capítulo, quero responder aos que dizem que a convivência com esses selvagens nus, principalmente entre as mulheres, incita à lascívia e à luxúria. Mas direi, em que pesem as opiniões em contrário, acerca da concupiscência provocada pela presença de mulheres nuas, a nudez grosseira das mulheres é muito menos atraente do que comumente imaginam. Os atavios, arrebiques, postigos, cabelos encrespados, golas de rendas, anquinhas, sobre-saias e outras bagatelas com que as mulheres de cá se enfeitam e de que jamais se fartam, são causas de males incomparavelmente maiores do que a nudez habitual das índias, as quais, entretanto, nada devem às outras, quanto à formosura. Se a decência me permitisse dizer mais, tenho certeza de que responderia a quaisquer objeções com vantagem. [...] não merecemos louvor por condená-los austeramente, só porque sem pudor andam desnudos, pois os excedemos no vício oposto, no da superfluidade do vestuário”; cf. LÉRY, *Viagem à terra do Brasil*, São Paulo: EDUSP, 1980, p.121.

André Thevet, corroborando com a visão do índio enquanto bárbaro que surge então, associa a nudez à bestialidade indígena ao afirmar que a América “era e ainda é habitada por estranhíssimos povos selvagens, sem fé, sem lei, religião e nem civilização alguma, vivendo antes como animais irracionais, assim como os fez a natureza, alimentando-se de raízes, andando sempre nus tanto os homens quanto as mulheres, à espera do dia em que o contato com os cristãos lhes extirpe essa brutalidade, para que eles passem a vestir-se, adotando um procedimento mais civilizado e humano. É por isso que devemos louvar afetosamente ao criador por ter permitido que possuíssemos uma idéia mais clara das coisas, não deixando que fôssemos assim brutais como estes pobres americanos”; cf. THEVET, *Singularidades da França Antártica*, São Paulo: EDUSP, 1978, p.98.

27. A antropofagia foi um tema de bastante impacto na Europa nos séculos XVI e XVII. O choque de realidade advindo da experiência de testemunhar tal prática certamente desviou o olhar dos europeus, o que terminou por dar uma incrível força ao tema do canibalismo nas representações e descrições da América e, especialmente, do Brasil. Sobre o canibalismo, diz Thevet que “Logo que esse continente, como já se disse, foi inicialmente descoberto, no ano 1492, por ordem do rei de Castela, os selvagens, admirados com a vista de homens tão estranhos, como eram para eles os cristãos, acreditaram tratar-se de profetas, assim os honrando como se foram deuses. Quando, porém, essa canalha notou que os europeus adoeciam, morriam e estavam sujeitos às mesmas paixões que eles, deu em desprezar e maltratar os colonos, como aconteceu aos que, depois, espanhóis ou portugueses, foram para a América. A tal ponto que, se alguém ofende os selvagens, não hesitam estes em matar e devorar um cristão, à semelhança do que fazem com seus inimigos. Isso, todavia só ocorre em certos lugares, especialmente entre os canibais, que não se alimentam de outra carne senão a humana, como os europeus se alimentam da carne de boi ou da de carneiro”; cf. THEVET, *Op. Cit.*, p. 179.

28. Para os viajantes, como Thevet, a proximidade dos trópicos explica a indolência e a covardia dos nativos, como se pode ver na seguinte passagem das *Singularidades da França Antártica*: “[...] todos os outros povos setentrionais são corajosos, uns mais, outros menos, em contrapartida os que vivem mais para o lado do pólo oposto, especialmente, nas o seu calor natural”; cf. THEVET, *Op.cit.*, p. 248.

Alguns desenhos de selvagens brasileiros também apareciam em livros de costumes; e gravuras de plantas e animais nos livros de Clusius, que não viajou ao Brasil, embora possuísse um conhecimento da terra a partir do seu trânsito na colônia flamenga de Lisboa, onde deve ter tido acesso a um livro de desenhos feitos na Bahia pelo mercador Hans Uffele (STOLS, 1996: 26). Entretanto, esses registros pictóricos não são muito numerosos e não pressupõem uma experiência direta com as terras brasileiras, contrastando com as realizações de Frans Post e Albert Eckhout que são exemplos de uma virada, principalmente no caso do segundo, na forma de representar e descrever o Brasil, ocorrida durante a dominação holandesa<sup>30</sup>.

Outra forma de representação visual na qual podemos notar a presença do Brasil na produção flamenga é a cartografia. Segundo Ernst van den Boogaart, “no século XVI e nos primeiros decênios do XVII, não se pode falar de uma clara diferença entre mapas e pinturas tanto no aspecto técnico como no funcional”<sup>31</sup> (BOOGAART, 1992: 310). O historiador holandês dá o exemplo dos retratos topográficos como os planos de cidade a vôo de pássaro e cenas da história contemporânea situadas em contexto topográfico. Governantes compraziam-se em decorar suas salas com mapas dos continentes até mesmo como ostentação de poder e cargos. “Seu papel no governo da República e concretamente sua função de estrategista e almirante na região atlântica neerlandesa (...) acabam refletidos nas decorações mediante mapas e pinturas”, diz Boogaart (BOOGAART, 1992:311)<sup>32</sup>.

A produção de mapas também servia a uma necessidade de conhecimento, era instrumento da administração, e sua importância aumentaria com o progresso técnico durante o século XVII. Os governadores dispunham de uma mapoteca, administrada freqüentemente por um topógrafo ou engenheiro. Desenvolveu-se bastante o mapa narrativo montado com gravuras de fauna, flora e costumes locais dispostos na topografia e que visava à ordenação claramente disposta da informação política e militar, sendo útil para a administração, para os estudos históricos naturais, como carta marinha, além de ser narrativo do ponto de vista literário e artístico. Bons exemplos são os mapas de Marcgrave e Adriaen van der Donck (1618-1655), já no século XVII.

Mapas, livros de marinharia, e Atlas tratando da América e do Brasil já existiam na mapoteca do palácio de Orange desde antes de 1596. Juntamente com a produção cartográfica, eram importantes as gravuras, nas, já aqui mencionadas, cartas de notícia. Nesse momento, tornam-se comuns as presenças de pintores nas expedições, muitas vezes com o propósito de ilustrar tais cartas.

Para o grande público, circulavam lâminas e vistas pintadas ou desenhadas fazendo referência aos acontecimentos históricos. Essas lâminas tinham como destino freqüente os gabinetes de colecionadores como Laurens Van der Hem (1621-1678), um rico de Amsterdã

---

29. No que respeita ao uso da terminologia “motivo” e “tema”, sigo Erwin Panofsky na distinção que faz entre os termos. O “motivo” se refere às formas puras representativas de objetos naturais como animais, plantas ou um artefato qualquer. O “tema” seria a composição feita com os motivos, somados a assuntos e conceitos, encerrando um significado. Para maiores detalhes sobre as noções de “motivo” e “tema” em estudos iconográficos, ver PANOFSKY, Erwin. *Significados nas Artes Visuais*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

30. Essa “virada” na forma de representar é proporcionada pela importância conferida, no século XVII, à observação direta da natureza para a sua representação pela arte. Nesse sentido, merecem maior relevo os trabalhos de Albert Eckhout, exatamente por buscar nesses termos uma representação mais verossímil. As paisagens pintadas por Frans Post, por outro lado, são muito marcadamente estruturadas a partir de modelos figurativos herdados de uma tradição flamenga de pinturas de paisagens à qual pertence o célebre Jacob Van Ruisdael (1628-1682), que não consegue rupturas relevantes com os esquemas europeus para a representação da realidade observada. Sobre a noção de “esquema” na representação pictórica, ver: GOMBRICH, Ernst. *Arte e Ilusão: Um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

31. “En el siglo XVI y en los primeros decenios del siglo XVII, no se puede hablar de una clara diferencia entre mapas y pinturas tanto en aspecto técnico como en el funcional”

32. “Su papel en el gobierno de la Republica y concertamente su función de estrategia y almirante en la región atlántica neerlandesa com las regiones y fortificaciones quedan reflejados en las decoraciones mediante mapas y pinturas”.

que reuniu 2500 cartas impressas e desenhadas. Esses gabinetes costumavam abrigar diversos mapas murais e Atlas coloridos impressos. O *Atlas Major* de Joan Blaeu (1596-1573) merece, aqui, destaque pelas lâminas dedicadas à África e à América e por ser a publicação mais cara da época. Nessa época, desenvolve-se um mercado de produções cartográficas dirigido ao público colecionador. Eram impressas luxuosas edições do Atlas, incluindo diversos mapas da região atlântica, e era realizada, paralelamente, à venda de lâminas complementares. Além do material, o conteúdo diferia: não trazia vistas costeiras e o texto não continha indicações para navegação (BOOGAART, 1992: 320), justamente por não se destinarem à marinharia. Circulavam também no mercado guias marítimos com acabamentos de luxo, ampliados, com folhas manuscritas, especialidade da família Vingboons, em cujas impressões há mapas do Brasil.

### Considerações Finais

Tratei até então da presença de referências ao Brasil no meio cultural nos Países Baixos durante o século XVI e as duas primeiras décadas do século XVII. O interesse, aqui, foi o de verificar quais meios de circulação de informações sobre o Brasil existiam à época. Nesse sentido, analisamos os movimentos de pessoas entre as colônias de comerciantes tanto em Portugal quanto na Holanda e ressaltamos o importante papel do trânsito de cristãos-novos. Em seguida, comentei o aumento da participação de holandeses nas viagens pelo Atlântico, e as contribuições de viajantes estrangeiros com experiências no Brasil, que circulavam pelos Países Baixos. Observei que, associado a esse movimento de pessoas, havia um outro, de textos, relatos de viagem que traziam descrições do Brasil e repercutiam nas manifestações culturais locais. A partir de então procurei verificar como temas brasileiros apareciam na pintura, na cartografia e nos escritos e destacamos o surgimento de uma literatura de caráter geográfico, estratégico, quando do acirramento das rivalidades das Províncias Unidas com a Espanha e das dificuldades comerciais com o advento da União Ibérica, que fizeram os flamengos considerarem a conquista territorial. Portanto, tive o intuito de afirmar que havia desde antes da invasão holandesa, um hábito de fruição, uma curiosidade e uma presença do Brasil no meio cultural flamengo. O caráter desse interesse, e das formas de falar do Brasil sofrem transformações no processo histórico devido a novas necessidades sociais, políticas e econômicas e ao conseqüente surgimento de novos arranjos mentais. O período da ocupação holandesa no nordeste brasileiro será extremamente rico nesse sentido.

A produção e circulação de textos e imagens sobre o Brasil ganharam maior relevo durante a aventura holandesa no nordeste brasileiro durante a primeira metade do século XVII. Esse é um século também muito relevante no que diz respeito à produção do conhecimento e de mudanças nas formas de observar a natureza, flexibilizando, quando não rompendo totalmente, alguns paradigmas. O século XVII será marcado por uma valorização da observação direta da natureza, seja na nova filosofia natural, seja na arte<sup>33</sup>. Tais traços da cultura europeia desse

---

33. Refiro-me aqui principalmente à valorização da observação direta da natureza presente nas reflexões de Leonardo da Vinci e Gian Lorenzo Bernini. Da Vinci apontava para a importância da experiência sensível como de suma importância para o conhecimento da natureza e entendia que a idéia do belo na arte estava atrelada à imitação fiel do real, mesmo que plasticamente feio. Bernini defendia a observação direta da natureza e a tentativa de imitá-la fielmente como pressuposto de uma arte perfeita, quebrando com a tradição renascentista que via na imitação dos modelos clássicos o caminho mais profícuo para a representação perfeita da natureza. O “empirismo” visto na esfera da arte em Bernini e Da Vinci, era também real no pensamento de filósofos como Francis Bacon e Giambattista Vico. Havia também um maior reconhecimento da utilidade dos saberes mecânicos para o desenvolvimento da ciência e, com isso, uma revalorização dos instrumentos como o telescópio utilizado por Galileu, em 1609. Essa valorização do artesão e do artista se refletia na importância adquirida pelas gravuras nos tratados de ciências descritivas como a botânica e a zoologia, e nos livros de medicina como o de Andrea Vesalio. Essas mudanças mais o conhecimento de textos clássicos como a História Natural de Plínio e dos modelos dos bestiários medievais, ajudaram a formar a base sobre a qual seriam estruturadas as histórias naturais do século XVII. É esse tipo de atmosfera mental que fará Christian Mentzel, no prefácio do *Theatrum*

período permitiram uma abordagem do Brasil com novos enfoques, e feita sob novos métodos. Merecem destaque as histórias naturais, tanto pelo conteúdo e organização do texto, das classificações e descrições, quanto pela preocupação com a verossimilhança nas imagens enquanto recurso precioso de complemento da informação escrita. Essas novas preocupações são conseqüências da formação de novas formas de pensar e de novas necessidades. O Brasil passará a ser mais presente na produção cultural flamenga e passará a ser visto com novos olhos. O clímax dessas novas formas de relatar, que poderá ser um tema para a continuação deste trabalho, será vivido durante o período da administração de Maurício de Nassau.

### Bibliografia

BARLAEUS, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Tradução: Cláudio Brandão. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980.

BOOGAART, Ernst van de net all. *La expansión Holandesa en el Atlántico*. Madrid: Mapfre, 1992.

BOXER, Charles R. *Os holandeses no Brasil, 1624-1654*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

BRANDÃO, Ambrosio Fernandes. *Dialogo das Grandezas do Brasil*. Salvador: Progresso, 1956.

BURKE, Peter. *Uma História Social do Conhecimento de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

*Denúncias de Pernambuco. Primeira Visitaçã do Santo Ofício às partes do Brasil*. São Paulo, 1929.

GOMBRICH, Ernst. *Arte e Ilusão: Um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LEITE, José Roberto Teixeira. “Viajantes do Imaginário: A América Vista da Europa, Séc. XV-XVII” In: Revista da USP, São Paulo, n.30, junho / agosto, 1996, 32-45.

LENOBLE, Robert. *História da Idéia de Natureza*. Lisboa: Edições 70.

LERY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1980.

MELLO, Evaldo Cabral de (et. all.) *O Brasil e os Holandeses: 1630-1654*. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.

MELLO, Jose Antonio Gonçalves. *Dois relatórios holandeses*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1951.

\_\_\_\_\_. *Tempo dos Flamengos: Influência da Ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. Recife: Massangana, 1987.

---

rerum naturalium brasiliae, dizer que as gravuras foram “pintadas com a preocupação de serem o mais próximo possível do real” (grifo meu); cf. TEIXEIRA (org.), Brasil Holandês: Theatrum rerum naturalium brasiliae, Rio de Janeiro: Index, 1995; e Zacharias Wagener em seu Tierbuch afirmar que decidiu “finalmente, tanto quanto o permitisse o tempo vago deixado por suas obrigações, fornecer aqui ilustrações tão cuidadosas quanto possível dessas curiosidades” (grifo meu); cf. TEIXEIRA (org.), Brasil Holandês, volume II: O ‘Tierbuch’ e a ‘Autobiografia’ de Zacharias Wagener, Rio de Janeiro: Index, 1997.

MORUS, Thomas. *A Utopia*. São Paulo: Ediouro.

PAGDEN, Anthony. *The Idea of Europe: From Antiquity to European Union*. Cambridge: University Press, 2002.

PALAZZO, Carmem Lícia. *Entre Mitos, utopias e Razão: Os olhares franceses sobre o Brasil (Séculos XVI a XVIII)*. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

PANOFSKY, Erwin. *Significados nas artes visuais*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

RODRIGUES, Jose Honório. *Historiografia e bibliografia do Domínio Holandês no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.

ROSSI, Paolo. *O Nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: EDUSC, 2001.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil (1500-1627)*. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

STADEN, Hans. *Duas Viagens ao Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1988.

STOLS, Eddy. “Iconografia do Brasil nos Países Baixos do Século XVI ao século XX: uma tentativa de avaliação global” In: Revista da USP, São Paulo, n.30, junho / agosto, 1996, 20-31.

TEIXEIRA, Dante Martins (Org). *Brasil Holandês, volume II: O “Tierbuch” e a “Autobiografia” de Zacharias Wagener*. Rio de Janeiro: Index, 1997.

\_\_\_\_\_. *Brasil Holandês: Theatrum rerum naturalium brasiliae*. Rio de Janeiro: Index, 1995.

\_\_\_\_\_. *Brasil Holandês: a alegoria dos continentes de Jan Van Kessel “o velho”: uma visão seiscentista da fauna dos quatro cantos do mundo*. Rio de Janeiro: Index, 2002.

THEVET, André. *Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

\_\_\_\_\_. *Singularidades da França Antártica*. São Paulo: EDUSP, 1978.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. Departamento Técnico. *Bibliotheca Universitatis: Livros Impressos dos Séculos XV e XVI do Acervo Bibliográfico da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial, 2000.

VAN HOUT, Jan. *Loterijspel*. Leiden, 2005.

ZIEBELL, Zinka. *Terra de canibais*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.